

**A LINGUÍSTICA TEXTUAL
E OS SEUS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE:
UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA
NOS ESTUDOS DO TEXTO FALADO E ESCRITO¹⁷⁰**

Silvio Nunes da Silva Júnior (UNEAL)

junnyornunes@hotmail.com

Maria Yvone Lima da Silva (UNEAL)

yvonegreat@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho realiza reflexões acerca da linguística textual, apresentando as concepções estruturalistas, funcionalistas e gerativistas interligadas à mesma. No aparato metodológico, foi realizada uma análise funcionalista tomando como base os postulados de Marcuschi (1983) e Oliveira (2012). Assim, pode-se constatar que a partir do que apresentam as teorias, a conversação falada e escrita são alvos constantes das ocorrências através dos principais elementos de textualidade – coesão e coerência textual.

Palavras-chave:

Linguística textual. Análise funcionalista. Elementos de textualidade.

1. Introdução

A linguística textual visa investigar em sua teoria e prática tudo o que norteia o seu verdadeiro e principal objeto de pesquisa, sendo este o texto, em outras palavras, “se caracteriza pelo escopo de sua investigação, pelo objeto que toma como unidade de foco analítico – o texto. (OLIVEIRA, 2012, p. 193). Nesse sentido, visando destacar e investigar cada particularidade do texto definida pelos elementos de textualidade – coesão e coerência textual, envolvendo a estrutura e o sentido do texto; realizou-se esse trabalho, onde utilizando os mecanismos norteadores da coesão textual, e os domínios que organizam a coerência textual, analisaremos o corpus constituído com dados de fala e escrita.

No século XX, onde após a publicação do curso de linguística geral, os estudos linguísticos tomaram uma grande e devida expansão no que tange as investigações acerca da linguagem, onde na década de 60

¹⁷⁰ Uma versão deste trabalho foi apresentada no XVIII CNLF, em agosto de 2014.

iniciaram-se as pesquisas de linguística textual na Europa, logo após, expandindo-se para outros países, inclusive o Brasil, onde a área ganhou um grande número de pesquisadores que dedicam todas as suas pesquisas científicas nessa área, fazendo com que o Brasil seja considerado um dos países onde a linguística textual fica entre as áreas linguísticas mais pesquisadas e publicadas.

Dessa maneira, “a linguística textual vem tendo um grande desenvolvimento, tendo passado por momentos diferentes e se inspirado em diferentes modelos teóricos, o que não deixa de ser bastante natural numa ciência em formação” (KOCH, 1997, p. 67). Em uma época onde os fenômenos linguísticos na forma da teoria da aquisição da linguagem, e outras particularidades apontadas por Saussure no *Curso de Linguística Geral*, evidenciaram-se na linguística textual, fazer uma representação das unidades menores do estudo da linguagem, assim como a palavra, a frase, e o período, desse modo, abrindo espaço para pesquisas mais peculiares acerca dos fenômenos já existentes.

Quando se trata de texto, muitos se auto – questionam o que seria essa definição. A linguística textual está aí para isso, para conceituar e determinar o que pode se caracterizar um texto, e as suas mais diversas particularidades, uma das definições mais conhecidas é a de que texto é a palavra ou o conjunto de palavras que em linearidade comunique com os interlocutores, ou seja, nem todo conjunto de palavras pode ser caracterizado como texto, pois, essa definição vai além do ponto de vista estrutural.

Contudo, cabe ressaltar que a linguística textual nesses anos de estudo, ganhou algumas concepções adversas umas das outras, isto é, foi e é alvo de pesquisa de algumas correntes teóricas, assim como o estruturalismo de Saussure, o gerativismo de Chomsky, e o funcionalismo representado fortemente por Marcuschi.

Nesse trabalho, pretende-se discutir acerca dessas correntes, e, no que tange a metodologia apresentamos uma análise funcionalista de dados falados e escritos, no intuito de estudar o texto como um universo complexo digno de indagações, as quais ocasionaram em um conjunto de ações que tentaram desmembrar o que norteia esse universo.

2. Linguística textual

Como conceitua Magnabosco (2010, p. 1),

A linguística textual surgiu na Europa, mais especificamente na Alemanha, na década de 1960, como resultado de inquietações em torno das perspectivas teórico-metodológicas até então adotadas para a análise de frases/textos.

O desenvolvimento da linguística textual não foi homogêneo e até então continua não sendo, pois, assim, não se prende a concepção estruturalista de Saussure no *Curso de Linguística Geral*.

Primordialmente, a linguística textual situava-se em três fases adversas: análise transfrástica, gramática de texto e a teoria de texto; estas foram se afastando das correntes estruturalistas e se dedicando cada vez mais ao estudo dos “processos de produção, recepção e interpretação dos textos; reintegrando o sujeito e a situação de comunicação em seu escopo teórico” (MUSSALIM & BENTES, 2006, p. 16).

Dessa maneira, tendo citado as três fases, é válido destacar que, sendo a linguística textual uma disciplina que se dedica à análise transfrástica e a gramática de texto, prende-se separadamente aos estudos pragmático-discursivos.

A linguística textual, ou linguística de texto, passou por essas três fases levando a área a ser heterogênea, por abranger as mesmas, sendo assim: estruturalista, funcionalista e gerativista. Essas fases em suas teorias são defendidas por teóricos dedicados a estudar o texto em suas perspectivas de estudo linguístico de texto.

Em seu sentido amplo, a linguística textual se caracteriza pela “observação das relações textuais em seus variados matizes e interseções” (OLIVEIRA, 2012, p. 193). Nesse sentido, trabalha textos orais e escritos, utilizando como proposta de investigação os elementos de textualidade, enfatizando de maneira generativa a coesão e a coerência textual, ou seja, parte do início dos principais elementos.

Cada área de estudo define seus postulados de análise linguística textual. Assim, como a perspectiva funcionalista de Marcuschi, considerado um dos maiores nomes da linguística textual; a perspectiva gerativista, que advém da gramática gerativa de Chomsky; como também existe a linha teórica estruturalista oriunda dos estudos saussurianos de 1916, que foi a primeira a ser apresentada e a mais contestada.

2.1. No estruturalismo

Tendo em vista a concepção de Saussure, segundo o qual a língua

não é uma estrutura, mas um sistema, o mestre genebrino foi considerado o pai do estruturalismo linguístico, através de seus postulados presentes no *Curso de Linguística Geral*, publicado postumamente por seus discípulos, em 1916.

Nesse sentido, o sistema que constitui a língua, para Saussure, é

[...] um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente (...) formado por elementos coesos, inter-relacionados, que funcionam a partir de um conjunto de regras (...) estabelecidas dentro do próprio sistema (COSTA, 2009, p. 114)

Visto que, do ponto de vista estruturalista, o texto é um conjunto de sequências, ou seja, é o “resultado de um ‘múltiplo referenciamento’ (...) como uma sucessão de unidades linguísticas constituídas mediante uma concatenação pronominal ininterrupta”. (KOCH, 2006, p. 4)

Na construção do texto como um conjunto de frases presas a uma relação de sentido que se prendem fortemente para a análise da coesão textual, como assinala Magnabosco (2010, p. 3):

[...] na construção de um texto, o movimento de retroação é necessariamente acompanhado de outro, o de progressão, os estudos voltaram-se para a análise da coesão textual, em especial para as relações referenciais (particularmente a correferência, que garantiria a uma sequência de frases o estatuto de texto).

Assim, na perspectiva estruturalista, a análise referente a linguística textual está situada no ponto de vista do texto como sistema e, como tal, desencadeia-se como um conjunto de frases diversas, formando então esse sistema.

Portanto, Saussure situa, de forma generativa, a concepção estruturalista, onde os teóricos aplicam o estudo da língua como sistema a ser constituído através de uma estrutura formada do início ao fim da obra póstuma saussuriana.

Daí então, mediante a apresentação da linguística de texto a partir dos ensinamentos de Saussure em sua obra póstuma, as teorias gerativistas tomam seu espaço nos estudos linguísticos aplicados ao texto, embasando-se nos conceitos de Chomsky em sua gramática gerativa.

2.2. No gerativismo

A partir dos estudos de Noam Chomsky, que criou a gramática gerativa, as correntes aplicadas a esta perspectiva empenham na linguis-

tica textual uma defesa a partir da fase da gramática de texto, no intuito de refletir fenômenos ainda não explicáveis por meio da gramática referencial, assim, norteados os estudos textuais gerativos.

Nesse sentido, é válido ressaltar que a proposta de Chomsky para a linguística textual foi a de propor “uma teoria de estruturas linguísticas (...) centrada na sintaxe” (PAVEAU & SARFATI, 2006, p. 168), isto é, o autor visava construir um material teórico formal, o qual era compatível em seu sentido geral, às ciências exatas como a matemática, na tentativa de explicar o verdadeiro funcionamento da linguagem humana.

Assim, a sintaxe tem seu renome na proposta gerativa, pois, no que afirmavam esses teóricos, todos os fenômenos até então inexplicáveis seriam descobertos a partir da análise sintática, onde se apresenta um plano de estrutura da língua, sendo esse o ponto de partida para todo e qualquer estudo da linguagem, entre eles o estudo do texto.

Com isso, a proposta funcionalista aparece com seus desdobramentos na linguística textual, que visa a investigar as operações linguísticas que se interligam ao estudo cognitivo. Esse estudo se difere do que induz o gerativismo, tendo Marcuschi como teórico de renome nesta área e em outras.

2.3. No funcionalismo

Como assinala Marcuschi (1983, p. 12-13),

Proponho que se veja a linguística de texto, mesmo que provisória e genericamente, como o *estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais*. Seu tema abrange a coesão superficial ao nível dos constituintes linguísticos, a coerência conceitual ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações a nível pragmático da produção do sentido no plano das ações e intenções. Em suma, a linguística textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado, deve preservar a organização linear que é o tratamento estritamente linguístico abordado no aspecto da coesão, e, por outro, deve considerar a organização reticulada ou tentacular, não linear portanto, dos níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas.

Percebe-se que, diante do estudo da linguística de texto, a mesma está situada em um panorama provisório, ou seja, é vista em diversos dimensionamentos e pontos de vista e, para tanto, é julgada por Marcuschi como estando em uma situação genérica no que tange seu significado

acerca do estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais.

De modo mais específico, vê-se que ao apontar Marcuschi seu posicionamento funcionalista sobre a linguística textual, ele não se prende apenas a sua concepção, pois, tendo a ideia de que a área tratada já havia sido tema de grandes discussões entre as correntes teóricas, deixa aberto o espaço para contestações sobre essa concepção da maneira que utiliza um verbo no presente do indicativo para demonstrar suas aceções pertinentes à teoria da linguística textual.

Marcuschi ainda assinala que “o texto se dá como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações alternativas e colaborativas” (MARCUSCHI, 2008, p. 79). Ao ver o texto nessa extensão, o autor se mostra funcionalista, pois, para a realização de análises a partir dos elementos de textualidade, estaria em uma perspectiva de ação, isto é, as análises funcionariam como ações alternativas, de modo que tende a colaborar para a compreensão desse complexo universo.

2.3.1. Objetos de análise

2.3.1.1. Fala

Você sabe qual é a sua matéria favorita?

...bem::...a minha matéria favorita é matemática...ela é uma das matérias que eu...:me interesse mais...porque..tem números... e / isso é muito legal...:onde eu me sinto bem fazendo cálculos...na matemática eu consigo aprender mais rápido...ou seja...: ela é uma das áreas que me interesse mais em estudar...porque esse aprendizado é muito importante para aprendermos...porque aprendendo podemos fazer coisas surpreendentes...para depois...assegurarmos nosso futuro.

2.3.1.2. Escrita

A matéria que eu mais me identifico é matemática. Ela é uma das disciplinas que eu aprendo mais rápido desde pequena, por envolver cálculos, envolvendo letras e números nas operações, isso me fascina, e faz com que eu tenha cada vez mais interesse em seguir nessa área. Na matemática eu consigo aprender com mais facilidade do que mesmo em outras matérias, como português. E, esse é um aprendizado que levarei por toda a minha vida, sendo muito importante para mim, que ainda pretendo estudar mais. Porque a partir deste aprendizado podemos conquistar objetivos que às vezes não passam pela nossa cabeça, coisas que não esperamos acontecer. E, depois, quem se dedica, irá

assumir um bom trabalho, tendo um futuro promissor.

2.3.2. *Discussão e análise de dados*

A análise que será apresentada posteriormente nesse trabalho está situada no âmbito da linguística textual, no que tange os principais elementos de textualidade – coesão e coerência textual. Nesse sentido, apresentam-se os mecanismos ou elementos de coesão e os domínios da coerência estabelecidos nos objetos de análise.

2.3.2.1. Análise da coesão

a) Referência

A “referência pode se processar no nível situacional, numa relação extralinguística – ou exofórica – ou nos limites do texto – denominada então de endofórica” (OLIVEIRA, 2012, p. 195), isto é, a referência se encontra nos limites internos e externos do texto.

No que tange à parte interna do texto, emprega-se a relação endofórica que “se situa no texto, podendo preceder ou suceder o item com o qual se relaciona” (OLIVEIRA, 2012, p. 195). Assim, essa relação, quando posta em análise, divide-se em anáfora e catáfora. A anáfora se relaciona à remissão ocorrida por procedência; já a catáfora remete a uma conexão subsequente.

Na fala, no que se dissemina a referência, percebe-se que o termo *isso* sendo um pronome demonstrativo, ocasiona em um processo anafórico referente à matemática; logo após, *isso* aparece como um processo endofórico referente ao contexto; e, *esse* se realiza como um pronome demonstrativo-processo catafórico referente ao aprendizado.

Já na escrita tem-se *matéria* como processo catafórico referente à matemática, *isso*, sendo processo anafórico referente aos cálculos; *nessa área*, como processo anafórico referente à matemática; *esse aprendizado* – processo anafórico referente à matemática; *deste aprendizado* como processo anafórico referente à matemática; e, *quem* sendo processo exofórico referente aos estudantes.

b) Substituição

A substituição ocorre quando o termo é substituído, porém, difere-se da referência, pois, nem a substituição recupera totalmente o sentido do termo anterior.

Na fala, apresentam-se os termos: *ela*, que se refere à matéria; *cálculos*, referindo-se às letras misturadas com números; e *me*, referente à própria entrevistada.

Na escrita, *ela* como pronome do caso reto da 3ª pessoa do singular, refere-se à matéria; letras e números nas operações substituem-se por *cálculos*; *me*, como pronome oblíquo do 1ª pessoa do singular, refere-se à entrevistada; e *nessa área* substitui matemática.

c) Elisão

Esse mecanismo também é conhecido como *anáfora zero*, isto é, a elisão acontece quando “a recuperação de um constituinte é processada no espaço formalmente vazio; o preenchimento se faz no plano semântico com a ativação das informações subentendidas” (OLIVEIRA, 2012, p. 197). Nesse caso, a elisão recupera informações já apresentadas em um momento anterior.

No que tange à fala, os termos: *aprendermos*, representa a elisão do pronome da 1ª pessoa do plural *nós*; *podemos*, sendo a elisão do pronome da 1ª pessoas do plural *nós*; e *assegurarmos* é a elisão do pronome da 1ª pessoa do plural *nós*.

Na escrita a elisão ocorre nos termos: *podemos* - elisão do pronome da 1ª pessoa do plural *nós* – referente aos estudantes; *levarei*, elisão da primeira pessoa do singular *eu* – referente à entrevistada; *nossa*, pronome pessoal da 1ª pessoa do plural *nós* – referente aos estudantes; e *esperamos*, elisão do pronome da 1ª pessoa do plural *nós* – referente aos estudantes.

d) Conjunção

Em relação às conjunções, “caracterizam-se por estabelecer vínculos de natureza lógico-semântica na sequencialização textual, como temporalidade, causatividade, consequência, condição, finalidade, proporcionalidade, entre outros”. (OLIVEIRA, 2012, p. 198)

Assim, relativamente à fala, as conjunções se aplicam nos seguintes termos:

Bem: advérbio de modo referente à *matéria*;

Mais: advérbio de intensidade referente aos *cálculos*;

Muito: advérbio de intensidade referente à *matemática*;

Assim: advérbio de modo.

No que tange ao texto escrito, as conjunções apresentam-se nos termos a seguir:

Mais: advérbio de intensidade referente *matéria*;

Muito: advérbio de intensidade referente a *mim*;

Não: advérbio de negação;

Ainda: advérbio de tempo referente aos *estudos*;

Depois: advérbio de tempo referente ao *futuro*;

Sendo: causatividade.

e) Coesão lexical

A coesão lexical “relaciona-se a, pelo menos, dois mecanismos aqui já mencionados: a referenciação endofórica (...) e a substituição” (OLIVEIRA, 2012, p. 199). Possui relação com a referenciação endofórica por remeter a constituintes já ocorridos no texto, e a substituição por se interligar aos processos de sinonímia e antonímia.

Nesse sentido, no texto oral, a coesão lexical se apresenta nas sentenças apresentadas a seguir:

eu...::me interesse *mais*

eu me sinto bem fazendo cálculos

eu consigo aprender *mais* rápido

eu me interesse *mais* em estudar

eu vou levar por toda a vida

Já na escrita, a coesão lexical se emprega da seguinte maneira:

eu mais me identifico é matemática

eu aprendo mais rápido desde pequena

eu tenha cada vez mais interesse em seguir nessa área.

2.3.2.2. Análise da coerência

Tomando como base a divisão dos domínios da coerência textual, sendo estes: linguístico, extralinguístico e pragmático. Desenvolvemos uma análise partindo de um sentido geral para com os objetos de pesquisa apresentados anteriormente.

O domínio linguístico corresponde a “utilização de recursos gramaticais nos níveis fonético-fonológico, semântico e morfossintático, e à seleção de itens lexicais tanto no âmbito do sintagma nominal e verbal como nos limites do período”. (OLIVEIRA, 2012, p. 201)

a) Domínio linguístico

Na versão falada dos dados, o domínio linguístico se emprega nas pausas marcadas pelas reticências no decorrer da fala, assim como os alongamentos e as rupturas apresentadas, dentre outras peculiaridades conversacionais. Na parte escrita, a entrevistada mostra um padrão gramatical de forma correta de acordo com as normas da gramática normativa, como a paragrafação, a pontuação e a acentuação gráfica.

b) Domínio pragmático

O domínio pragmático “refere-se às condições de processamento na interação” (OLIVEIRA, 2012, p. 201), isto é, trata-se principalmente da situação em que a interação está situada, e, também, tem uma parcela explicativa detalhista no decorrer do texto falado e/ou escrito. Dessa maneira, compreende o texto como responsável pela explicação suficientemente necessária para a comunicação entre interlocutores.

No que dissemina o dado de fala, percebe-se que quando a entrevistada trata de matemática, a mesma explica o motivo pelo qual ela gosta da referida disciplina, assim como: *ela é uma das matérias que eu...:me interessa mais...porque..tem números... e / isso é muito legal.::...*

No texto escrito o domínio pragmático se emprega quando a entrevistada diz que acha a matemática interessante, ela explica o porque da própria concepção no trecho: *por envolver cálculos, envolvendo letras e números nas operações.*

c) Domínio extralinguístico

O domínio extralinguístico se atrela a concepção de conhecimento de mundo, isto é, o modo em que o autor do texto emprega seu conhecimento de mundo em seu decorrer.

No texto escrito, o domínio extralinguístico se apresenta em partes como: *...porque esse aprendizado é muito importante.* Onde a entrevistada mostra que a partir do seu próprio conhecimento de mundo, o estudo é muito importante.

Já no texto escrito, o domínio referido se concretiza quando a entrevistada descreve que *a partir deste aprendizado podemos conquistar objetivos que às vezes não passam pela nossa cabeça,* assim, mais uma vez, expõe seu conhecimento de mundo.

3. Conclusão

Diante de tudo o que foi tratado acima, é possível expor as seguintes considerações finais acerca dos procedimentos de análise funcionalista na linguística textual: a linguística é a ciência da linguagem, e o texto, que se engaja nessa ciência, veio a ganhar sua expansão (oral e escrita), transformando-se em objeto de estudo a partir da linguística textual, também denominada – linguística de texto.

Tratando de linguística, faz-se mister ressaltar que as correntes teóricas defendidas por Saussure (estruturalismo), Chomsky (gerativismo) e Marcuschi (funcionalismo), visam em geral estudar o texto, buscando desvendar o que ainda não foi tratado, situando cada corrente em seu tempo e em seu espaço nos estudos da linguagem.

Visto o que foi exposto na análise de dados, percebe-se que ao utilizar os elementos de textualidade para desenvolver uma análise, sempre estaremos trabalhando com alguns exemplos, e não com o texto como um todo. Assim, visou-se em grande escala, abordar os mecanismos de coesão e os domínios da coerência de maneira reflexiva, e, para não per-

der o foco de estudo do texto, realizamos a análise.

Contudo, a linguística textual, como as análises do discurso e da conversação, a pragmática, a semântica argumentativa etc., toma seus espaços no estudo da enunciação. Nesse sentido, deve-se destacar que, ao tratar de texto, estamos tratando de interação, de comunicação entre interlocutores, sendo este o principal objeto de análise da linguística textual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 113-126.

KOCH, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

MAGNABOSCO, G. G. Contribuições da linguística textual para a análise da coerência em hipertextos. *Texto Livre*, vol. 3, p. 1-17, 2010.

MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife: UFPE, 1983.

_____. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2006, p. 15-20.

OLIVEIRA, M. R. Linguística textual. In: MARTELOTTA, M. E (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 193-203.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Elia. *As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática*. Trad.: M. R. Gregolin et al. São Paulo: Claraluz, 2006.